DISCURSOS

E

POESIAS FUNEBRES

RECITADOS POR

J. B. DA S. L. D'ALMEIDA GARRETT E OUTROS,

POR OCCASIÃO DA MORTE DE

MANOEL FERNANDES THOMÁS,

SEGUIDOS DE UM RARISSIMO DOCUMENTO CONCERNENTE Á GUERRA DA RESTAURAÇÃO.

Segunda edição novamente correcta.



LISBOA, NA TYPOGRAPHIA DE G. M. MARTINS.
Rua do Ferregial de Baixo, 22.
1883.


Manuel Giraldes da Silva
...Tive um condado tambem
um dia
D'altos castelos...da fantasia
EX-LIBRIS

DISCURSOS
E
POESIAS FUNEBRES

DEDICADOS Á MEMORIA

DO

ILLUSTRE REGENERADOR DA PATRIA

MANOEL FERNANDES THOMÁS,

SEGUIDOS

DE UM MUI CURIOSO E RARISSIMO DOCUMENTO INTITULADO

RESPOSTA DE UM MINISTRO
A EL-REI
FILIPPE IV,

SOBRE O FAZER, OU NÃO FAZER AS PAZES

COM PORTUGAL.

DISCURSOS E POESIAS FUNEBRES

RECITADOS A 27 DE NOVEMBRO DE 1822
EM SESSÃO EXTRAORDINARIA DA SOCIEDADE
LITTERARIO-PATRIOTICA, CELEBRADA
PARA PRANTEAR
A DÔR E ORPHANDADE DOS PORTUGUEZES
NA MORTE DE

MANOEL FERNANDES THOMÁS,

PRIMEIRO DOS REGENERADORES DA PATRIA.

Segunda edição novamente correcta.



LISBOA.
NA TYPOGRAPHIA DE G. M. MARTINS.
Rua do Ferregial de Baixo, 22.

1883.

ORAÇÃO FUNEBRE

DE

MANOEL FERNANDES THOMÁS

PELO SOCIO

JOÃO BAPTISTA DA SILVA LEITÃO D'ALMEIDA GARRETT.

SENHORES,

Venho hoje pronunciar um grande nome; mas tão grande como elle será a dôr de proferil-o: maior nome não o pronunciou boca de homem; maior magoa não a sentiu coração vivente. Manoel Fernandes Thomás... — morreu. — Quereis maior nome que este? quereis maior dôr que a nossa? não, Senhores, não ha hi portuguez honrado, que não clame affouto — não; — e, se algum ha, portuguez não é esse.

Se medisse o meu dever pela bitola de minhas forças; se regulasse o desempenho das funcções d'este logar pelas qualidades dos que me ouvem, não restaria (pronunciado tal nome) ao complemento do meu officio, senão derramar lagrimas, e prantear comvosco: mas urge o dever forçoso, e com quanto se acanha o orador na mesquinhez de suas forças, sobeja a vastidão do assumpto para dar largas ao mais limitado espirito, e desenvolver o mais curto engenho. Penso no meu objecto, e em vez de me apoucar á face de sua grandeza, sinto elevar-me até elle; vejo que me espraio pela immensidão de seu infinito.

Mas não penseis que vou enfeitar-me de flôres oratorias; não julgueis que vou servir-me dos atavios emprestados da arte: são postiços esses enfeites; são estranhos esses atavios; são as brilhantes roupas com que a mão da eloquencia servil adorna o esqueleto da ambição, e lhe encobre o asqueroso dos vermes com a tunica da pompa: mas vem a mão dos seculos (e essa, não a compra o ouro, nem a desvairam honras) rasga-lhe as roupas mal seguras, e então apparece o hor-

ror do sepulchro, e o nada de uma cinza mesquinha, que não legou uma pagina á historia das edades, nem deixou uma letra no pequeno livro dos homens de bem.

Não, Senhores, a eloquencia do homem livre é a linguagem do coração: desconhece ornatos, ignora enfeites; é simples como a natureza; é singela como a sua simplicidade.

Vêde esses edificios, que nos deixaram avoengos servis: olhae essas grympas erguidas por mãos de escravos; examinae os recortados florões d'essa architectura chamada Gothica: vêdes curtas linhas; observaes acanhados traços; tudo respira a mesquinhez do engenho encoberta com os enfeites da arte: voltae agora para os grandes monumentos dos povos livres: Que differença! deparaes com altivas columnas, com esbeltos porticos, com donairosos remates: porém, tudo simples, tudo singelo. Que altiva que é a liberdade, Senhores! não desce a pequenas cousas; firma o compasso no ponto da grandeza, e descreve o circulo da eternidade em deredor das suas obras.

Não são as pompas do discurso, não

são os atavios do ornato funebre os que honram a memoria dos desapparecidos da terra. — Breve murcham as flôres que espargiu sobre a campa a escassa mão de uma dôr fingida — sem enfeites, e sem arte corram singelas as lagrimas do amigo; rebentem verdadeiros os soluços de um coração magoado, e então dizei affoutos que a morte d'esse homem foi sentida.

Deixae que assalariadas dextras levantem mausoleos; deixae-as que ergam obeliscos; que amontoem pyramides: a solidez d'esses tumulos, o gigantesco d'esses collossos não servem senão para encher o vasio immenso, que deixára o coração do homem entre a dôr e a verdade. Essas massas enormes, que topetam com as nuvens, e que levam da terra aos astros o sentimento penoso da anniquilação são o acouto de fingidas penas; são a exageração do orgulho encobrindo mentirosas magoas.

Tal é, Senhores, a vaidade do mundo; tal é a mentira dos homens; tal a sorte do infeliz, que no fim do penoso caminho da existencia não viu os olhos do seu amigo fi-

tal-os na extremidade da vida: chegou ás bordas do sepulchro, e não sentiu uma lagrima que lhe amolgasse a dureza da campa; entrou no jazigo, e não escutou um suspiro que lhe quebrasse o silencio eterno da morada dos mortos: o pae, o filho, o esposo, estas classes privilegiadas pela natureza e pelo sentimento, lá viram um vislumbre de mágoa; mas porventura foi ella sincera? Homens, que conheceis os homens, ousae asseverar-mo.

Vinde, povos da terra, acudi, nações do mundo: quereis conhecer a dôr, quereis ver o sentimento nú como a verdade, sincero como a natureza? voltae os olhos sobre os poucos Portuguezes; fitae-os n'estes ainda mais poucos, que o amor da patria e das letras reuniu n'este logar.

Entre mal compostas paredes, escassas alfaias, não muitos homens; mas vêde-lhe o semblante, mas lêde-lhe o coração — immoveis como um sepulchro, o silencio nos labios e a dôr no seio, só vem alguns suspiros cortar-lhe a mudez do lucto, só o correr das lagrimas altera a immobilidade do seu abati-

mento: ahi tendes o que é mágoa, vêde ahi o que é deplorar, e sentir perdas irreparaveis.

E quem choramos nós: quem lamentam os Portuguezes? um Cidadão extremado; um homem unico; um benemerito da patria; um libertador d'um povo escravo: Manoel Fernandes Thomás. Que nome, Senhores, que nome nos fastos da liberdade! que prégam ás edades futuras! que brado ás gerações que hão de vir! este nome será só por si a historia de muitos seculos; este nome encerra em compendio milhões de males arredados de um grande povo: bem incontaveis acarretados sobre elle.

Ah, Senhores, eu extasio-me, e perco o fio de um discurso, que quizera regularizar, mas que o excesso do enthusiasmo me não deixa seguir senão em desalinho: estas vozes rompem do coração, e por mais que se esforça o espirito pelas ordenar, mal podem forças do entendimento onde o peito se expande sem regra: porei animo todavia em ser mais methodico nos louvores do grande homem, a quem por ventura minha me cabe

hoje elogiar, e que por desventura nossa tambem nos cabe chorar hoje.

Dois são os elementos do homem de bem: natureza; e a sociedade: por aquella é homem; por esta é cidadão; em ambos elles o hei de considerar; e em ambos vereis quanto merece os nossos elogios, e as nossas lagrimas.

Nascido com mediocre fortuna de honestos mas não abastados paes, Fernandes Thomás viu a luz do dia em 30 de Julho de 1771 na Villa da Figueira: educado na moral e na virtude, seus principios foram os do homem honrado, e a sua infancia e puberdade os annuncios d'um grande genio: no decurso da edade todas as virtudes naturaes e domesticas o adornaram já maduro: bom filho, bom esposo, bom pae e bom amigo, tal o viram sempre; tal se conservou inalteravel: modesto comsigo, desinteressado e franco, assim viveu, e assim é morto: gyrae no circulo de suas relações, e apontae-me uma voz que não bemdiga a sua memoria; mostrae-me olhos que o vissem, e dizei-me se a aridez da indifferença lh'os deixou sêccos.

Argumento unico da existencia de um Deus, virtudes do coração humano, solitario presente dos Ceos á terra amargurada, qual de vós não excitou, não dirigiu os movimentos todos d'aquelle peito? compendio de todas ellas, caracter e humanidade, vosso throno inabalavel, não o assentou a constancia, não o conservou sempre dentro de tão grande alma?

Como homem honrou a natureza; como cidadão, a Patria que o diga: eu fallarei por ella: entrado, depois de distinctos estudos, na carreira da magistratura, desempenhados (admiravel e quasi incrivel feito!) seus difficeis encargos com a pontualidade d'um juiz-cidadão, o patriotismo de Fernandes Thomás não estava satisfeito ainda com a simples pratica das virtudes civicas passivas: cabia maior esforço em coração tamanho, e maior tarefa era dada a braço tão valente: olhou para a sua Patria, e gemeu sobre ella: a sua alma era livre mas os seus pulsos tinham ferros; e esses ferros eram um pequeno ello de grilhão immenso que pesava sobre a Patria.

Não foi só dado a Grecia e Roma ter Brutos e Thrasybulós, produzir Codros e Fabios; o pequeno Portugal tambem tem quem o liberte; tambem sabe gerar quem se vote pela sua salvação, Fernandes Thomás concebeu o grande projecto: concebeu-o, e começou a executal-o. Eil-o que ajunta fieis amigos e vae em silencio tecendo o fio luminoso que o ha de guiar no labyrintho difficil d'uma revolução tão necessaria, quanto arriscada. Vós sabeis quanto fez, para que é repetil-o? foi aqui, n'esta mesma cidade que para sentar as bases d'uma acção tão arrojada veio elle mesmo pôr-se ás bordas do precipicio para lhe medir toda a profundidade: nem com maior perigo, nem com mais animo examinava Plinio a torrente do Vesuvio que o consumiu. O Philosopho Portuguez ía a ser victima do seu amor da Patria, como o fôra o Romano do amor da sciencia: a amizade o salvou e os Ceos o guardaram para nossa ventura.

Raiou o grande dia 24 de Agosto, o primeiro da liberdade Portugueza; infatigavel não descançou desde então: havia entrado na

arena, não voltava sem ter prostrado o grande inimigo com quem tràvára: este inimigo vós o conheceis, e bem mal que todos o conhecemos! era o Despotismo: aterrou-o, venceu-o. Portugal tornou a vêr as suas côrtes, e a Nação teve quem a representasse: toda a Europa admirou com respeito um congresso illustrado, e no meio d'elle o campeão da liberdade, o patriarcha da regeneração portugueza: vêde-o como alça denodado o trovão da sua voz energica para fulminar antigos abusos, e destruir arraigados vicios: a sua eloquencia despida de pompas não respira senão verdade: severa, e descarnada só põe a mira na utilidade commum, e no bem da Patria: vem-lhe do coração franco aos labios sinceros por natural impulso de indefesso zelo: no estirado curso de comprida legislatura sempre o mesmo, sempre incansavel, debalde a molestia lhe abate as forças; o animo é sempre egual; nem ha poder que o mingúe, nem doença que o desfalque.

Já com passos arrastados na derradeira das sessões legislativas, ainda vae animal-a com a sua presença, e pelejar ainda

na extremidade do circo: a causa da liberdade está-lhe sobre o coração; e aquelle coração é todo d'ella: com a morte visinha ainda ergue o canto do Cysne; ainda peróra pelos interesses da sua Patria; esta Patria, que lhe tem custado tanto; esta Patria, que é todo o seu desvelo, elle ha de deixal-a em breve.... Ah!.. pouco restava aos Portuguezes da carreira de uma existencia tão preciosa e tão necessaria! A maxima columna de seu edificio social vacillava em sua base, mas valente ainda em sua ruina, ella o sustentava com forças d'atlante.

Guiei-vos, Senhores, com prazer pela vida do nosso libertador; satisfeito retrilhei comvosco as suas pisadas pelo caminho de sua existencia; não encontrámos vestigios de seus pés senão na vereda da virtude, nem signal da sua passagem senão na estrada da justiça; não vimos acções suas senão na carreira da gloria: por tão consolador assumpto a minha alma se expraiou de gosto; velozes me corriam as palavras após o coração que as dictava; nem havia mister estudal-as, e quando espontaneas me vinham aos labios:

mais difficil começa agora o meu empenho, mais amargo o meu officio; vou renovar crueis memorias, abrir chagas que ainda sangram; vou cravar ferros novos em peitos apunhalados de fresco.

Sobre o leito da morte.... perdoae-me estas lagrimas... perdoae-mas!... não; engrossae-as com as vossas; sobre o leito da morte; coberto de angustias; retalhado de dôres; o coração eivado de amargura, eis-ahi onde vamos conhecel-o; eis-ahi onde veremos o homem, o cidadão, e o justo.

Corria já longo o azedo periodo de assustadora molestia: aos amigos que o cercavam havia desapparecido a esperança, e quasi se escondia já aos olhos enturvados do enfermo: a sua constancia é inabalavel; a sua intrepidez a da ousadia honrada, dizei-o vós, homens sensiveis, que lhe assististes em seus ultimos momentos, vós, a quem honra e louvor pelo desempenho fiel dos santos deveres de homem e de amigo, vós o dizei: vistes acaso que o mais ligeiro movimento de desespêro lhe enrugasse a frente, lhe desvairasse os olhos; quando fugida a esperança, quan-

do perdido o futuro, medindo o curto espaço, que lhe restava de uma triste vida, viu a morte... e só ella? — não por certo: pallidos sustos, negros horrores, espinhosos remorsos, herança do impio, e do vicioso, cercae-o em quanto braceja com a morte, fazeilhe ala no momento da despedida: o justo não vos teme; recorda sem vergonha, lembra-se sem medo das acções da sua vida; a consciencia da virtude não receia que a sua memoria seja praguejada, nem maldito o seu nome: Os amigos, e a patria... que dolorosa saudade! mas sómente saudade: e este sentimento, penoso sim, mas não amargo, é o unico do homem de bem nos derradeiros instantes da existencia.

A sua memoria, e o seu nome..... Oh! que memoria e que nome! gerações que heis de vir após de nós, a historia vol-o não ha de levar com manchas de ambição, nem com as nodoas de pessoal interesse: Fernandes Thomás morreu pobre: morreu pobre...: Que exemplo de gloria a muitos! Que exemplo de vergonha a tantos! — Oh! seja emulação a todos: morreu pobre! pela terceira vez o

repito; e os filhos do varão illustre teriam de esmolar ás portas, se homens que desempenham este nome, não provessem seu estabelecimento: Portugal todo terá a satisfação de sustentar os filhos do seu libertador, e de pagar á viuva e orphãos escassos juros de uma divida incalculavel.

Alfim chegou a hora: os seculos que a ouviram soar, marcaram este ponto no circulo das edades: Manoel Fernandes Thomás expira: seu cadaver ungido e embalsamado será conservado como reliquia preciosa de liberdade e de gloria, e a voracidade do sepulchro respeitará aquelles ossos honrados. Notae, Senhores, de passagem um contraste bem digno de reparo: ungem-se os despotas ao subir a erguidos thronos de ouro; unge-se o homem livre ao descer ao humilde cofre de chumbo; mas a uncção d'aquelle é veneno de morte que se espargirá sobre um povo desgraçado; mas a uncção d'este é cheiro suave de virtude que se exhalará por compridas gerações, e lhes recordará insoluveis beneficios: o perfume do despota morre com elle, e se converte em cheiro de podridão; o

do libertador respira de seu tumulo com aromas de salutar fragrancia.

Aqui fenece o meu discurso: eu o remato como o hei começado: Manoel Fernandes Thomás morreu: derramemos lagrimas de gratidão e de saudade: Este é o verdadeiro elogio funebre dos grandes homens; estas lagrimas são as honras do seu funeral, são as pompas do seu enterramento: ellas terão logar na historia, ellas serão o Epitaphio eloquente, que mostrará aos vindouros o jazigo das suas cinzas gloriosas: molhae com essas lagrimas a penna da verdade, e escrevei-lhe sobre a lapida sepulchral — AQUI JAZ O LIBERTADOR DOS PORTUGUEZES: SALVOU A PATRIA, E MORREU POBRE. —

DISCURSO FUNEBRE

DE

MANOEL FERNANDES THOMÁS

PELO SOCIO

ANTONIO BARRETO FERRAZ DE VASCONCELLOS.

SENHORES,

Pela segunda vez me arrojo a erguer minha debil voz n'este recinto, e d'esta, como da vez primeira, um penoso destino me obriga a memorar objectos tristes; recordações dolorosas; pouco mais de um mez tem decorrido depois que esta patriotica sociedade destinou uma extraordinaria sessão para honrar a memoria do tenente general Gomes Freire, e dos outros primeiros e illustres mar-

tyres da liberdade nacional: quem diria que tão depressa a mesma sociedade, fiel aos puros sentimentos de patriotismo que a animam, seria forçada a destinar outra sessão para lamentar a perda do primeiro restaurador da mesma liberdade! quem diria que tão depressa seriamos condemnados a chorar a morte de outra illustre victima do mais ardente, como do mais puro amor da Patria? quem diria que tão depressa seria objecto do nosso pranto, como de nossa eterna saudade, Manoel Fernandes Thomás, o patriota por excellencia, que como os primeiros meditou, mas com mais felicidade desenvolveu, e com ainda maior sabedoria consummou o projecto heroico da nossa regeneração politica? oh fatal condição da natureza humana! como rapidos se apinhôam os motivos de dôr e de afflicção! a troco de poucos fugitivos instantes de prazer e de alegria, somos condemnados a seculos de pezar e de amargura, e do berço até ao sepulchro leves sorrisos da fortuna mal podem matizar o luctuoso quadro de desgraças, companheiras inseparaveis d'esta vida mortal e transitoria.

Não suspeiteis, Senhóres, que eu me anime a interromper o silencio da dôr que deviso em vossos semblantes com estudadas expressões d'uma eloquencia affectada: penetrado até ao intimo da mesma alma pelo doloroso sentimento da perda fatal que hoje lamentamos, como poderia, ainda que os talentos me ajudassem, escolher frases, corrigir periodos, ordenar em fim um discurso correcto e bem tecido? como poderia conservar o espirito assás liberto quando por todos os poros verte sangue o coração? seja pois este o que hoje falle, e não receio que os vossos o não comprehendam.

Se para celebrar a memoria de Manoel Fernandes Thomás fosse preciso enumear todas as virtudes moraes e civis, todas as brilhantes qualidades do coração e do espirito, de cujo complexo era formado seu heroico caracter, fôra por certo esta uma empreza, se não impossivel, por extremo difficil, e que ainda os maiores engenhos mal poderiam desempenhar; felizmente porém cada uma d'ellas é tão relevante, foi por elle possuida em gráu tão eminente, que por si só basta

para formar seu elogio, restando sómente difficuldade na escolha: entre ellas eu preferirei como fonte de todas as outras a inalteravel constancia, a nobre coragem civil que formava a base do caracter d'este grande homem: esta rara virtude cuja salutar influencia nos excita, em qualquer circumstancia da vida social, a sacrificar voluntariamente a segurança da propria existencia, nossa reputação, nossas mesmas esperanças e em fim todas as vantagens sociaes: esta virtude, digo, é aquella sem a qual todas as outras ou morrem ou são inuteis: e na verdade, Senhores, como ou de que proveito será conceber idéas, formar planos uteis e generosos, se não houver constancia para os meditar, para os desenvolver, para os ultimar? e como sem os nobres esforços da coragem civil, desprezar os incommodos, affrontar os perigos que por todos os lados ameaçam as emprezas heroicas, quanto mais sublimes tanto mais arriscadas para os seus authores? quem poderia lisongear-se de obter e de conservar um partido que apoie e que auxilie os seus planos se, em vez de ser firme e constante na

sua opinião, seguir a todo o momento a opinião de cada um? Todas as mais virtudes são certamente muito apreciaveis, dignas da maior estimação e respeito; mas nenhuma melhor do que esta póde por seus saudaveis effeitos ser mais util nem mais transcendente (e se não me engano) a nobre constancia, e a esforçada coragem civil e militar são as que melhor podem prestar e na realidade tem prestado a todas as nações os mais assignalados serviços, e tanto d'uma como d'outra especie de coragem offerece a historia exemplares tão admiraveis que hesito em conceder a qualquer d'ellas a preferencia: e com effeito, Senhores, o guerreiro intrepido que á frente de um valoroso exercito defende e salva a Nação dos inimigos estranhos, merece grande louvor, alcança gloria excelsa; mas não menos a alcança e com justa razão a merece o cidadão virtuoso que no segredo do seu gabinete medita, prepara, e desenvolve os meios de salvar a Patria dos inimigos domesticos, tanto ou mais perigosos que os estranhos: se o generoso Camillo, quando já se contava o preço vil d'um infame tratado,

derrota e afugenta os Gallos, e resgata o Capitolio pelo unico modo que convinha a um povo destinado a dominar o mundo, Cicero por effeito da sua coragem salva a republica e o estado das perfidas machinações de Catilina: se o africano Scipião arrazando Carthago livra Roma de uma fraudolosa e importuna rival, o illustre Catão defende palmo a palmo contra as usurpações de Cesar a liberdade da Patria: se Henrique IV, á força de armas, e ainda mais á força de beneficios, salva a França da ruina que lhe preparava a anarchia das guerras civis, Sully, com nobre audacia, rasgando á vista do seu Rei a promessa de um casamento impolitico e desegual, poupa á Nação, poupa ao Monarcha o tardio arrependimento de uma acção vergonhosa e indecente: e sem mendigar exemplos estranhos, se João I conquista á ponta da espada a independencia de Portugal na memoravel batalha de 14 de Agosto de 1385, Manoel Fernandes Thomás proclama e consegue a liberdade da Patria no faustissimo dia 24 de Agosto de 1820.

Mas acaso foi só n'esta gloriosa época,

n'esta assombrosa crise que elle deu provas da mais vigorosa constancia, da mais denodada coragem? Não, Senhores: a natureza não obra regularmente prodigios, e um tão maravilhoso resultado não podia ser effeito das combinações fortuitas de um espirito vulgar e posilanime: se a vida inteira de Manoel Fernandes Tomás não fosse um exemplar perfeito da mais forte constancia, e da mais corajosa firmeza, talvez nós ainda hoje seriamos escravos; tarde raiaria para nós a aurora da liberdade.

Manoel Fernandes Thomás havia desde os primeiros annos abraçado a profissão das letras para a qual uma particular affeição, e uma favoravel disposição de espirito efficazmente o impelliam: habituado pela experiencia dos primeiros logares, e ainda mais pelos seus talentos, e assiduos estudos para subir aos mais elevados empregos da magistratura, era já antes d'isso conhecido, e occupava um logar distincto entre os litteratos, e illustres portuguezes, pela producção de uma obra, que, só podem dignamente apreciar aquelles que, forçados pela sua profissão ou

emprego á investigar o confuso labyrintho da nossa legislação, depois de trabalhos penosos e sempre inuteis, tem de confessar por fim que ignoram a maior parte de seus dispersos elementos: uma compilação perfeita d'esta confusa legislação, que só poderia obter-se á custa de um trabalho insano, de uma perseverança inaudita, era capaz de assombrar o animo mais arrojado que até recearia emprehendel-a: Fernandes Thomás não só a emprehende, mas corajosamente a termina; dando já com este ensaio um não pequeno indicio d'aquella firmeza e constancia de que posteriormente deu provas tão decisivas: nomeado Membro da Relação do Porto, occupando n'esta um logar importante e distincto, repartia os poucos momentos que lhe sobravam das laboriosas fadigas do seu emprego entre o estudo das sciencias, e a conversação de poucos mas bem escolhidos amigos: d'alli observava e lamentava em segredo os males que então opprimiam a nossa Patria, victima dos caprichos de um Governo tyrannico e absurdo: alentava-o comtudo a esperança de que seus membros, re-

flectindo alguma vez sériamente sobre a profunda miseria, que por toda a parte se descobria, e que claramente mostrava mais que ligeiros symptomas d'uma violenta crise, na qual os mesmos Governantes fossem sacrificados, acordariam finalmente do estupido lethargo em que parecia estavam submergidos, e quando não fosse pelo bem e interesse geral, pelo seu particular interesse, adoptariam medidas coherentes e adequadas á penosa situação dos Povos: porém vãs esperanças, inuteis desejos d'uma alma benefica, d'um coração patriotico! Um espirito de vertigem se havia apossado do inerte Governo; elle presidia ás suas deliberações; e de precipicio em precipicio, de tyrannia em tyrannia, o conduzia como pela mão até ás bordas do abysmo, em que com elle se ía despenhar a Nação inteira: medidas absurdas ou oppressivas e uma activa espionagem, vil instrumento de uma insidiosa policia, e fraco apoio da arbitrariedade e despotismo, eis-aqui as cautelas, eis-aqui os remedios com que o tyrannico Governo pretendia curar os males, e reparar as desgraças dos Povos.

Foi n'esta calamitosa época que raiou o sempre infausto dia 18 de outubro de 1817, em que esta cidade viu com terror e espanto consummar um dos mais horrorosos mysterios da iniquidade, e de que a nossa historia não fornecia exemplo: os gemidos das innocentes victimas sacrificadas por mãos da mais atroz perfidia, e choradas por todos os bons Portuguezes, penetraram o coração de Manoel Fernandes Thomás; e este decisivo testemunho da barbaridade de nossos oppressores lhe deu a conhecer que com elles não podia haver esperança de allivio a nossos males, e que a Patria estava em perigo de cahir por momentos no pelago de desgraças que lhe preparava a anarchia: desde então concebe o generoso projecto de salvar a Nação; a principio só; depois com poucos e fieis amigos medita, consulta, e prepara os meios de o conseguir; investiga os animos; interroga a opinião publica; espreita attento a occasião; e logo que esta se lhe mostra opportuna, proclama ousadamente a liberdade da Patria, e a Patria é livre.

Deixo, Senhores, á vossa illustrada me-

ditação calcular os esforços de constancia e de coragem que seria mister empregar para conceber, dirigir, e felizmente ultimar tão importante como arriscada empreza: foram por certo muitos e extraordinarios; mas nem por isso ficaram exhauridas as suas forças; o valente campeão, armado de egual se não maior constancia, se offerece impavido a novas luctas das quaes colhe novos trophéos, e canta de novo a victoria.

Toda a mudança de um governo qualquer é sempre acompanhada de commoções mais ou menos violentas; e a consolidação das novas instituições politicas é obra summamente difficil e complicada; se os authores d'ella acaso não possuem uma destreza completa, e sobretudo uma vigorosa constancia e firmeza de caracter, arriscam-se a ver baldados todos os seus esforços, e prostrado n'um momento por terra todo o fructo de seus mallogrados trabalhos: a ambição e o interesse; o amor proprio e a vaidade; o orgulho e a vingança; todas as paixões, em fim, todos os vicios são outros tantos inimigos que disfarçados com a mascara da vil hypocrisia

fazem surda mas incessante guerra, e todos procuram (cada um a seu modo) derribar o edificio mal construido: a mesma Religião santa, este presente celeste que deve ligar os homens com os vinculos do mais puro e do mais fraternal amor, serve de pretexto ás vezes para acender entre elles o facho da discordia; e homens vis, fanaticos, impostores, que ou a desconhecem ou a profanam, ousam invocar o nome de um Deus de paz para excitar os furores d'uma encarniçada guerra: tambem que gloria, que louvor não merecem os sabios pilotos que dirigindo habilmente o leme, levam a náo do Estado a salvamento, e combatida por tão medonhas borrascas, conseguem abrigal-a em seguro porto? que gloria por tanto, que louvor não merece Manoel Fernandes Thomás? se a admiravel obra da nossa Regeneração politica tem avançado tão tranquillamente, e com assombro de nacionaes e estrangeiros, tem chegado sem desastre ao ponto em que hoje com prazer a contemplamos, a quem se deve tão extraordinario prodigio? muito por certo ao brioso caracter da magnanima Nação Portugueza;

muito sem duvida ás paternaes intenções do nosso bom Rei; mas muito tambem aos talentos, á constancia e á firmeza de Manoel Fernandes Thomás: Membro do Governo, ministro d'Estado, representante da Nação, elle se nos apresenta sempre como um rochedo immovel, aonde o furor das paixões, a intriga dos partidos vem inutilmente bater: calumniado e detrahido pelo orgão de um escriptor venal e sem pudor, castiga a calumnia com o desprezo que ella só merece, e fitos sempre os olhos no bem do Povo, na salvação da Patria, alenta e conforta os amigos, confunde e aterra os inimigos pelo poderoso ascendente d'um genio superior, e mais ainda pela sua extraordinaria constancia e força de caracter: se a torpe ambição, o sordido interesse e outras vis paixões cautelosamente disfarçadas procuram a furto introduzir-se no sanctuario das Leis, e surprehender as decisões do soberano Congresso, alli mesmo combatidas pela imperiosa voz da razão e da justiça, de que Fernandes Thomás era o digno orgão, eram forçadas a desamparar o campo, a precipitar a fuga: nós to-

dos o ouvimos, e, oh magoa! não mais o ouviremos! Nas occasiões mais importantes, quando se discutiam objectos que por sua transcendencia envolviam a fortuna e a salvação da Patria, era então que a sua voz e seus gestos offereciam uma apparencia solemne e mais que humana: seu estilo conciso, energico e fulminante, admirava e confundia; e arrebatado pelos impulsos de um zelo ardente, de um verdadeiro patriotismo, cada palavra era uma sentença, cada periodo um discurso.

Mas não é dado á fraca natureza humana resistir muito tempo a tão excessivas fadigas, que o temperamento mais forte e a saude mais robusta poderiam apenas supportar: infelizmente a de Fernandes Thomás era debil e arruinada, e só o extraordinario vigor do seu espirito é que o sustinha no meio de tantos e tão complicados trabalhos: uma molestia chronica e rebelde de qne Fernandes Thomás pouco e mal cuidava (pois só cuidava bem dos interesses da Patria) atacou com violencia um corpo já exhausto e por extremo enfraquecido; e os funestos sym-

ptomas que desde os seus principios mostrou fizeram conceber aos que o cercavam tristes receios de que a sua familia, os seus amigos, e a liberdade nacional teriam de chorar em breve a perda do seu protector, do seu guia e do seu esforçado campeão: desde logo todos os Portuguezes...., sim; todos os Portuguezes (porque alguns poucos homens vis e degenerados não são Portuguezes), toda a Nação em fim, e com ella o seu digno Chefe, com interesse e inquietação se informam do estado e dos progressos do mal, com ancia e terror espreitam o successo d'esta termivel lucta; só Fernandes Thomás, que melhor do que os outros conhecia a malignidade da molestia e previa o seu fatal resultado, conservava no meio da geral desolação a mesma tranquillidade, o mesmo socego de espirito, a mesma firmeza que o caracterizavam, e bem que em outras mui difficeis circumstancias elle tivesse já dado repetidas provas da mais inimitavel constancia, nunca melhor do que então mostrou o subido ponto em que possuia esta sublime virtude: firme nos seus principios, forte pelo testemu-

nho d'uma consciencia pura, encara impavido os horrores da morte; soffre resignado os tormentos, as dôres d'um mal violento e insoffrivel; e se por poucos momentos este lhe deixa algum pequeno e mal seguro repouso, todos emprega em consolar sua desamparada familia, em confortar seus amigos, e sobretudo em lhe dirigir conselhos a bem dos interesses da Patria: oh nobre firmeza de caracter! oh constancia sem par! a liberdade da Patria, objecto continuo de seus incessantes desvelos, ainda nos ultimos instantes da vida, nos ultimos paroxysmos da morte, lhe occupa inteiramente o pensamento, e o derradeiro suspiro exhalado nos braços da Religião e da amizade, é pela Patria, pela gloria, e pela liberdade da Nação.

Vinde, fanaticos imbecis, que para denegrir a obra magestosa da nossa Regeneração procuraes denegrir os seus authores, vinde e aproximae-vos do leito de dôr em que repousa o homem justo; vinde, e a vosso pezar reconhecereis que no tremendo instante em que, cerradas as esperanças da vida, vão para sempre abrir-se as portas da eternida-

de, mal póde o perverso e o criminoso affectar a tranquillidade da innocencia; vinde.... mas não: apartae-vos para longe d'este logar sagrado; não empesteis com vosso halito envenenado o alcaçar do patriotismo; um muro de bronze vos separe para sempre d'elle; Fernandes Thomás, ainda que agonizante, reconhecendo em vós seus inimigos, reconheceria n'estes os inimigos da Patria, e a funesta lembrança de que só existis para lhe preparar ferros e ruinas, tornaria por extremo dolorosos os seus ultimos instantes.

E tu, oh alma heroica e generosa, lá n'essa habitação dos justos, n'esse logar sublime a que tuas esclarecidas virtudes te elevaram, digna-te acolher benigna os sinceros votos de admiração e de respeito que hoje te offerta uma escolhida porção de teus compatriotas; digna-te abençoar propicia a frondosa arvore da liberdade que entre nós plantaste; digna-te derramar sobre os Portuguezes do velho e do novo mundo o espirito de concordia, de união e de amor, de que tanto carecem para consolidar o feliz systema constitucional que nos legaste; digna-te inspirar

e avivar sempre a lembrança dos exemplos que deixaste a todos nós e particularmente aos teus amigos e a teus socios regeneradores: possam estes, possam todos os que presidem aos destinos do reino-unido nunca perder da memoria os dictames dos teus saudaveis conselhos: possam elles marchar sempre constantes pelo caminho da razão e da justiça; pelo caminho que lhe indica uma Constituição sabia; pelo caminho em fim que lhe deixaste traçado: possam elles, cerrando os ouvidos ás perfidas suggestões de infames calumniadores, refrear as intrigas dos partidos, debellar os odios das parcialidades, e reunindo em um só corpo os dispersos membros da familia portugueza pelos suaves vinculos de reciproco amor, de reciprocos interesses, formar de toda ella uma impenetravel barreira contra a força ou contra as machinações do estrangeiro: possam finalmente todos os Portuguezes até á mais remota posteridade verdadeiramente dizer e a todo o momento exclamar: — *somos livres: os trabalhos de Fernandes Thomás não foram baldados: abençoemos a sua memoria.* —

ELOGIO FUNEBRE

DE

MANOEL FERNANDES THOMÁS.

PELO SOCIO

JOSÉ MARIA XAVIER D'ARAUJO.

SENHORES,

Um Romano dizia no meio do Senado: *Nós tememos muito a morte:* mais feliz que este orador, venho hoje fallar-vos de um homem de quem me é permittido affirmar que, se elle a não tivesse affrontado, e como que familiarizado com a sua idéa por espaço de dois annos, Portugal não seria agora livre; ou, se o fosse, não teria talvez conseguido a liberdade senão depois de muitos estragos e

ruinas: é por isso, Senhores, que eu não duvido dizer-vos que: *entre os dias memoraveis nos annaes portuguezes, será marcado com especialidade o dia 24 de Agosto de 1820.*

O infausto mez de outubro de 1817 tinha passado; os Martyres d'esse anno parecia terem sellado com o seu sangue a ruina das liberdades portuguezas; por todas as provincias do nosso bello paiz reinava o terror e a desconfiança; os amigos não se communicavam, porque cada um receava encontrar um delator no seu mesmo concidadão; a immoralidade mais desenfreada caminhava a par da ruina da Patria; a imprensa era nulla; as queixas eram abafadas; os povos opprimidos sem recurso nem remedio; e o pequeno numero de Magistrados benemeritos gemia em silencio pensando no futuro espantoso que se offerecia á sua imaginação.

Um só d'entre estes velava, Senhores; elle era animoso, elle estava penetrado da mais justa indignação contra os oppressores da sua Patria; mas reservava toda a sua coragem para o momento da execução.

Foi na Cidade do Porto, em occasião de um passeio pelos seus formosos arrabaldes, que o illustre Fernandes Thomás se abriu com um digno magistrado, tão indignado como elle contra o feroz despotismo que nos governava: as almas grandes bem depressa se entendem; logo elles se conformaram, e um terceiro, amigo de ambos, foi encarregado do plano d'esta nova associação. Oh! minha Patria! tu renasceste n'este dia! elle valerá seculos de gloria a Portugal. Mas não anticipemos as épocas, Senhores; voltemos ao tenebroso anno de 1818 — tempo d'esta reunião: foi em Janeiro começada a obra, e já em Fevereiro contava seis ou sete varões animosos, decididos a tudo pela felicidade da Patria: o seu fim era espreitar a opinião publica; dirigil-a pelos meios ao alcance de todos; marcar os erros dos nossos tyrannos; e vigiar principalmente as cousas de Hespanha: era no seu turbilhão que nós deviamos gyrar, bem certos de que os patriotas hespanhoes se lembrariam de tamanha empreza.

Lisboa era o objecto de seus grandes

cuidados; para aqui se dirigiam correspondencias, pediam-se informações, e procurava-se por todos os meios animar os valentes portuguezes que aqui existiam.

Com estes nobres cuidados se passou nos annos de 1818 e 1819, em que tudo annunciava uma proxima commoção: os recursos publicos diminuiam, a miseria fazia-se geral, e milhares de cidadãos não viam remedio aos males da Patria senão em uma mudança no systema do Governo.

Foi em Janeiro de 1820 que Riego e Quiroga alçaram a voz da liberdade nas Andaluzias: esta voz, terror dos tyrannos, retumbou em toda a Hespanha: milhões de homens a escutaram e seguiram: o coração dos portuguezes saltou de prazer; e como não ficaria o do homem grande que nós hoje choramos? Chamou os seus amigos, e em breves mas energicas palavras traçou o plano que havia a seguir para libertar Portugal: Vós o vistes, Senhores, no meio d'esta capital, no ardente mez de Agosto, acabrunhado já com a molestia que ha pouco o conduziu á sepultura, arrostar os perigos d'uma

denuncia, e os horrores dos carceres do Rocio n'aquella época de crimes e de desastres, só para ver os seus amigos, consolal-os, e entretel-os com a esperança de um melhor futuro.

Intimamente convencido do bom espirito dos habitantes d'esta capital, elle partiu, e a sua chegada ao Porto fez apparecer:

O Grande Dia de 24 de Agosto de 1820.

O grito da Liberdade, levantado no Douro, retumbou rapidamente em todo o Portugal: os povos alvoroçados o repetiam; e os debeis Governadores fizeram esforços mais debeis ainda para o suffocar: em breve uma só vontade uniu toda a Nação; e o Regenerador Fernandes partiu para o berço dos Affonsos e dos Castros, heroes com os quaes se queria parecer. Que alegria no dia primeiro de Outubro, e nos que se seguiram! era uma embriaguez de sentimentos sublimes: Vós o presenciastes, Senhores: mas a discordia agitava os seus fachos!.... tristes recordações me pesam agora! Quanto dista

o dia primeiro de outubro do horrivel onze de novembro! Um mez era passado, e o feroz despotismo militar nos ameaçava! oh minha Patria! tu estiveste para ser ensanguentada, e as tuas ruas cobertas de cadaveres! estamos hoje no mesmo mez de novembro; dois annos se tem passado, mas não a minha dôr profunda por aquelle attentado!.... Passámos aquella época, e vivemos; e d'este mesmo logar eu vejo homens animosos, fautores do dia 17, em que Portugal respirou! Deixemos esses tempos, Senhores, corramos um véo sobre aquelles successos; a posteridade os julgará: mas seja-me permittido o voltar ao dia primeiro de outubro, e desafogar ainda o meu coração. Que Portuguez se não sentirá commovido com a memoria d'aquelle dia verdadeiramente nacional! quem se não recordará com ternura de que então toda a vasta extensão d'esta Capital apresentava a imagem de uma immensa familia estreitamente unida! Doce fraternidade, paz feliz, harmonia de todos os cidadãos entre si, quando voltarás tu a consolar a nossa desolada Patria! Eu não sei que

genio máu se introduziu entre irmãos, e procura dividil-os!...

Sigamos a marcha da regeneração, e do Regenerador Fernandes: eleito Deputado ás Cortes constituintes, pugnou sempre pelas liberdades publicas; foi o campeão da liberdade da imprensa; e todas as suas palavras, durante os dois annos de legislatura, foram dirigidas contra o despotismo e a anarchia, esses dois flagellos tão medonhos! Apezar do seu ardente patriotismo, era moderado nos seus principios e acções, e muito laborioso: nós o vimos apresentar ás Cortes, pouco depois da sua installação, um relatorio do estado do Reino nas suas varias administrações interiores.

Foi collaborador da Constituição; concorreu efficazmente para a adopção de muitos decretos e ordens saudaveis das Cortes; e ultimamente, convencido de que o systema judicial bem organizado é a unica baze da verdadeira liberdade civil, elle só trabalhou e concluiu a lei das Relações provinciaes: foi esta tarefa a que esgotou inteiramente os seus recursos vitaes; gasto de fadigas, cahiu

enfermo, e expirou depois de seis dias de uma cruel agonia, durante os quaes não cessou de mostrar a coragem de um philosopho e a resignação de um christão.

O Povo portuguez, Senhores, acaba de ser privado de um dos seus mais excellentes e intrepidos defensores: vós sabeis que as virtudes publicas se compõem das virtudes particulares: ninguem ama a sua Patria sem amar ao mesmo tempo os seus simelhantes; e a medida d'este amor é a grandeza do serviço que se lhes presta: quem não é bom pae, bom marido, bom filho, bom amigo, não póde ser bom cidadão: o coração de Fernandes Thomás era o sanctuario das virtudes domesticas: amigo constante, aborrecia a ingratidão e os falsos exteriores; é por isso que por vezes foi tachado de dureza de coração: Ai! eu o vi chorar muitas vezes á vista da desgraça dos seus simelhantes!

A injustiça provocava toda a sua indignação, e era então que, fallando com toda a energia de uma alma forte, parecia animado do mais justo ardor: o seu modo frio, e mesmo severo, fazia-o parecer duro, mas os seus

amigos sabem que o seu coração sensivel era susceptivel das mais doces emoções: ninguem era mais desinteressado que elle; por isso viveu e morreu pobre.

E' ás tuas cinzas, oh generoso Fernandes, que hoje aqui reunidos tributamos o respeito devido! paz aos teus manes! Portugal é, e será livre: um dia virá (eu o juro sobre o teu tumulo) um dia virá em que eu peça á Nação, que ampare a tua virtuosa esposa, e os teus filhos, que tão caros eram ao teu coração; eu pedirei tambem que o reconhecimento nacional se extenda ao Valle do Mondego onde nasceste, e onde bebeste com o leite o horror ao despotismo; eu pedirei ainda que á inscripção, que deve ornar o teu tumulo, se ajuntem as palavras que proferiste no dia solemne em que El-Rei jurou a Constituição Portugueza. — *Está a Constituição jurada; venha agora a morte quando quizer.*

Tempo virá em que os paes, e mães portuguezes conduzirão seus filhos ao teu jazigo; n'elle chorarão a tua morte, mas os nossos descendentes cantarão os teus louvores: elles aprenderam desde o berço, que o cida-

dão que morre pela sua Patria, não acaba nunca; e que a ventura inestimavel de deixar na memoria dos homens uma reputação immortal, e grandes exemplos que imitar e seguir, é infinitamente superior a alguns dias de mais passados sem proveito sobre a terra.

SONETO

Á MORTE DO DEMOSTHENES PORTUGUEZ,

MANOEL FERNANDES THOMÁS.

Olho em torno de mim, tudo é tristeza!
E' tudo solidão! é tudo lucto!
Morno silencio!..... Nem sequer escuto
Arfar o Tejo em languida molleza!

Fugiu do Sol a natural belleza;
Prestando ao dia um facho diminuto!
Medita o racional, e pasma o bruto!
Estupida parece a Natureza.

Indago a causa de transtorno tanto:
Tremo de ouvil-a; gélo de receio:
Eis o mysterio, assim se rasga o manto:

Morreu o Luso Heroe.... da terra ao ceio
Foi Fernandes Thomás!... limpe-se o pranto:
Volveu ao Ceo porque do Ceo nos veio.

Antonio Pinto da Fonseca Neves.

SONETO

Á LAMENTAVEL MORTE DO ILLUSTRE E BENEMERITO CIDADÃO

MANOEL FERNANDES THOMÁS.

Pro Rege sæpe; pro Republica semper.

Morreu... Sorte fatal! Oh Patria chora:
Cobre de lucto o rosto amargurado;
No jazigo de lagrimas regado
O teu Libertador, Lysia deplora.

Fernandes.... oh! saudade matadora!
O Francklin Portuguez idolatrado,
Do Povo o Defensor abalizado,
Morreu! Sorte fatal! Oh Patria chora:

Retumbe o nome seu na eternidade,
E leia no porvir, quem o não viu,
Este Padrão da sua Heroicidade:

Os Despotas Fernandes destruiu:
Legou á Patria sua a Liberdade;
E qual um Semi-Deus ao Ceo subiu.

R. P. Pizarro.

A' MEMORIA DO ILLUSTRE

REGENERADOR DA PATRIA

MANOEL FERNANDES THOMÁS.

ODE.

.... Un Héros est mort; un Ministre eclairé;
Prudent avec grandeur; et ferme avec sagesse;
Courageux sans orgueil, et souple sans bassesse.
Jumonville, Poeme.

Deixaram para sempre
O da vida horizonte em que brilhavam,
Washingtons, Cincinatos,
Não sem custo do pranto que verteram
Reconhecidas Patrias.
Deixou, mortal tambem, em dôr submersos,
Gratos, sensiveis Lusos,
Um não menos Heroe, da Patria esteio,
O Illustre Fernandes.
Deusa que o Throno teu nos tumulos fixas,
Alma, excelsa Verdade,
No vasto seio acolhe ingenuas vozes
Que o coração gerára:
São do espirito os fulgidos adornos
Ao sentimento inuteis;

Pura qual foi, qual é, brilhe a Virtude:
O Varão s'eternize,
Que sobre o altar da Patria, inda nos annos
Em que milhares d'homens
Mal distinguem os dons de que usar podem,
Ao Publico Interesse
D'esta arte honrosa victima se vota.
« Oh Patria (diz) mui cara,
« Eis o maximo bem que dar-te posso:
« A vida inda que breve,
« Cessa já de ser minha; aceita-a; é tua. »
Que prodigios, que assombros
Não produzem os votos que a alma inspira!
Desde esse instante fausto,
De mãos dadas o Estudo e os Talentos
Assás progressos ousam;
Abrem, devido ao Heroe, mais amplo stadio
As Sciencias, as Artes:
Ante o Throno d'Astréa auxilio encontram
A Razão, a Innocencia:
Máu grado o dólo vil, que o Foro admitte,
O Desvalido, o Orphão,
Conhecem que inda estão na classe d'Homens;
E da censura austera
Co'a mão no rosto, os vicios temerosos
Do novo Catão fogem.
Não afrouxa jámais o Patrio fogo
Em liberrimos peitos.
A Patria ha muito geme oppressa em ferros,
Um outro Decio emprende

Arrancal-a das mãos ao Despotismo,
Dar-lhe um gráu eminente.
Os brios esporêa, os votos une,
E desdenhando a vida,
Resgatados Pendões na Patria arvóra.
Os teus Heroes deslembra,
Soberba Grecia, vangloriosa Roma!
As almas mais que humanas
Não fixam n'um só ponto as vistas suas:
Depois da edade d'ouro,
Carece-se de Leis, que as paixões rejam,
Que os Estados cimentem:
O Heroe provê tudo, e a tudo occorre.
Seus assiduos desvelos
O sabio esforço seu ao esforço unido
De seus sabios collegas,
Dão-nos a Lei Politica, que extrema
Direitos e deveres
Entre a Nação e o Rei, d'assombro dignos;
Lei que as almas juraram,
Barreira ao velho mal, ventura nossa!
Oh Ceos! e que não possam
Altos bens aplacar do Fado as iras!
O Varão virtuoso
Cansado de exalsar-se a gloria tanta,
Cede aos males, que ha muito,
O zêlo pela Patria presos tinha.
Proximo ao transe extremo,
Que intrepido e sereno encara e observa,
Co'a alma quasi nos labios,

Estas desprende vozes derradeiras :
« Patria que o ser me déstes,
« Eu perjuro não fui ; cumpri meu voto. »
Deveres, prantos, honras
Tribute a gratidão á gloria sua,
Final paixão do sabio.

João da Silva Braga.

RESPOSTA
DE
UM MINISTRO A EL-REI
FILIPPE IV,
SOBRE O FAZER, OU NÃO FAZER, AS PAZES COM PORTUGAL.

Relativamente a este insuspeito documento e aos feitos n'elle narrados, pensa o editor d'este opusculo que com toda a equidade se podem applicar os versos do nosso primeiro Épico:

E julgareis qual é mais excellente,
Se ser do mundo Rei, se de tal gente.
Cant. 1.º Est. 10.ª

Se conselho pede a affliçção, annos ha, Senhor, que Vossa Magestade devia pedir conselho; porque com elle fôra tão facil o remedio, como agora aspero o desengano. A verdade, Senhor, nasceu na terra, mas

em pobre casa: não nasceu em Palacio; e uma vez que um Santo (*) a Palacio a levou, lhe custou a cabeça: ao mesmo passo que nenhuma outra cousa arruina tanto uma Monarchia, como a damnosa peçonha da lisonja; de sorte, que é mais damnoso um lisonjeiro, do que um inimigo declarado, ou contrario poderoso; porque este dá cuidado, mas do cuidado nasce o solicitar o remedio; e aquelle docemente me entrega ao descuido, e sem remedio, me faz cair no precipicio. Mortifica-se, Senhor, o juizo do zeloso, vendo sem remedio governar, digo, sem reparo governar o appetite; e este subordinando a verdade, fórma fundamentos na malicia. Não é bem que um Rei dê credito a uma voz, que engana quando deleita, e não sôa quando engana: examine-se, Senhor, o coração, d'onde sahe; saiba-se o mal d'onde vem; porque ha palavras, que sahem d'alma, e ha almas que não teem palavra: aquella como se vê sem execução no que persuade, vergonhosa se retira a verdade do governo, onde preside

(*) O Baptista, no palacio de Herodes.

o engano. Chora-se o precipicio, que arruina; e não se atreve o zelo, que desengana; porque perde a graça quem falla na justiça, pois toda goza quem lisonjêa. Se Vossa Magestade não despertára a minha penna, eu calára o que entendo: e ainda assim, vae temerosa a razão, porque sahe da alma o desvelo, em que não só sou desenganado, mas zeloso. Porém não teme a morte quem a seu Senhor obedece; e menos eu, que estou no fim da minha vida. Digo pois assim, Senhor.

Quem facilita o que não sabe, não sabe o que facilita. Para ter experiencia de uma nação não basta ser só examinada do estado presente: é preciso conhecer do passado para não chorar o erro no futuro; porque seria milagre acertar a ignorancia onde muitas vezes não acerta a experiencia. Portugal negou obediencia a Vossa Magestade; acclamou Rei; facilitaram lisonjeiros o remedio, e agora temerosos se retiraram do perigo. Esta nação, Senhor, conquistou no Oriente as Indias, jornada, que só imaginada escurece os animos para a comprehender. Dominou barbaras nações, e adquiriu com seu braço mui-

tos corações. Conquistou com seu assombro muitos reinos; e fez seu nome eterno não só entre os Gentios e Pagãos, senão em o mundo todo: Africa, que provou o seu valor, chorou o seu estrago; e sempre vive temerosa, porque n'ella se viam os meninos obrarem prodigiosas acções. O Brasil, parte da America, se viu conquistado por Hollanda com sagacidade; mas não ficou com ganancia, porque os sacudiu com heroica violencia o valor dos nacionaes; e isto quando o amor os não ajudava, nem o poder os soccorria; que para Rei alheio muito se obrou com amor proprio: *este foi o engano, que hoje se chora sem remedio.* Com jugo alheio pareciam os leões cordeiros; porém com o proprio, que é suave, parecem os cordeiros leões. Castella com tantos reinos, com tantos milhões, e com tantos exercitos, cobrou nas armas odio a esta nação: porém desde o seu primeiro Rei até ao presente, Vossa Magestade o tem lido, e com admiração o tem ouvido, e com sobresalto; e quiçá o está vendo sem remedio. Dormindo estava o valor de Portugal, e com grande oppressão nas

forças; mas a cubiça e a tyrannia, executada com ignorancia, lhe despertou o esforço. Por tempo de sessenta annos não pôde Vossa Magestade adquirir suas vontades; porque os ministros foram tyrannos n'este tempo, castigo pedia a seu desafogo; porém creou raizes, porque se dilatou o castigo: as armas estavam olvidadas, e com sujeição opprimidas; as nossas lhe fizeram militar com as suas. Não é esta gente, Senhor, a que se rende com ameaços; mais facilmente se accommodam com caricias. Se lhe chamamos rebeldes, porque se não determina a razão? porque nos não ajudamos do direito? porque se attende ao severo, e não ao catholico? Letrados dão a Vossa Magestade o direito: a Portugal tambem dão direito os seus Letrados. Pois porque se não pôz em juizo esta causa, pois ha vinte e tres annos que se solicita esta causa com armas, devendo ser com o acerto? Senhor, melhor aconselha o desengano, que a razão se se póde olvidar pelo remedio. Nem tudo, Senhor, dizem a Vossa Magestade. Um Rei ha de saber de tudo. Dizem o bem, e calam o mal; e este cres-

ce tanto, quanto mais o calam. A saude não se dá nas adversidades, e o reino desmaia em accidentes. A um valor grande tudo lhe parece pequeno: dizem a Vossa Magestade que Portugal não tem dinheiro, não tem navios, não tem gente. Traidores são os que o dizem. Pois com que nos tem destruido? sem gente, sem dinheiro, sem náos, nos tem desbaratado tantas vezes? Valha-me Deus! Que fariam, se tivessem o que suppomos que lhes falta? Sem nada choramos a nossa desgraça; que fariamos, se tivessem alguma cousa? Portugal nos destruiu em Montes-Claros: Portugal nos destruiu em Silves; Luiz Mendes de Haro fugiu, deixando cavallos, infanteria, artilharia, bagagens; o luzido de Milão, o escolhido de Napoles, e o grande da Estremadura. Vergonhosamente se retirou Sua Alteza, (*) deixando oito milhões, que lhe custou esta empreza, oito mil mortos, seis mil prisioneiros, quatro mil cavallos, e vinte e quatro peças de artilharia: e o mais lastimoso foi que de cento e vinte Ti-

(*) D. João de Austria.

tulos, e Cabos, só escaparam cinco, porque fugiram, deixando o estandarte do seu Principe.

Se nada tem Portugal, ha maior afronta, do que vencer-nos sem nada? Se nada basta para vencer este nada, para que continuamos a nossa ruina? pára nada? Isto é tão alheio do valor, que prudentemente se lhe deve chamar teimosa cobardia. Os effeitos, que vemos da parte de Portugal, são milagrosos: e sustentar opposições contra determinações do Ceo, não só é loucura, mas temeridade: e se é valor portuguez, é maior a nossa fraqueza, que o seu poder. Cada dia espera Vossa Magestade se ganhe uma batalha; e cada dia perde um exercito. O Senhor D. João de Austria levou 40,000 homens entre infantes, e de cavallo, gastadores, e o maior numero que póde ajuntar Hespanha, e o maior numero de carruagens, que póde unir o poder ao maior apparato; e a maior quantidade de artilharia, que jámais se viu em exercito de Hespanha: e tudo isto nos ficou destruido: viram-se mais que mil infantes, e mil e quinhentos cavallos? Por-